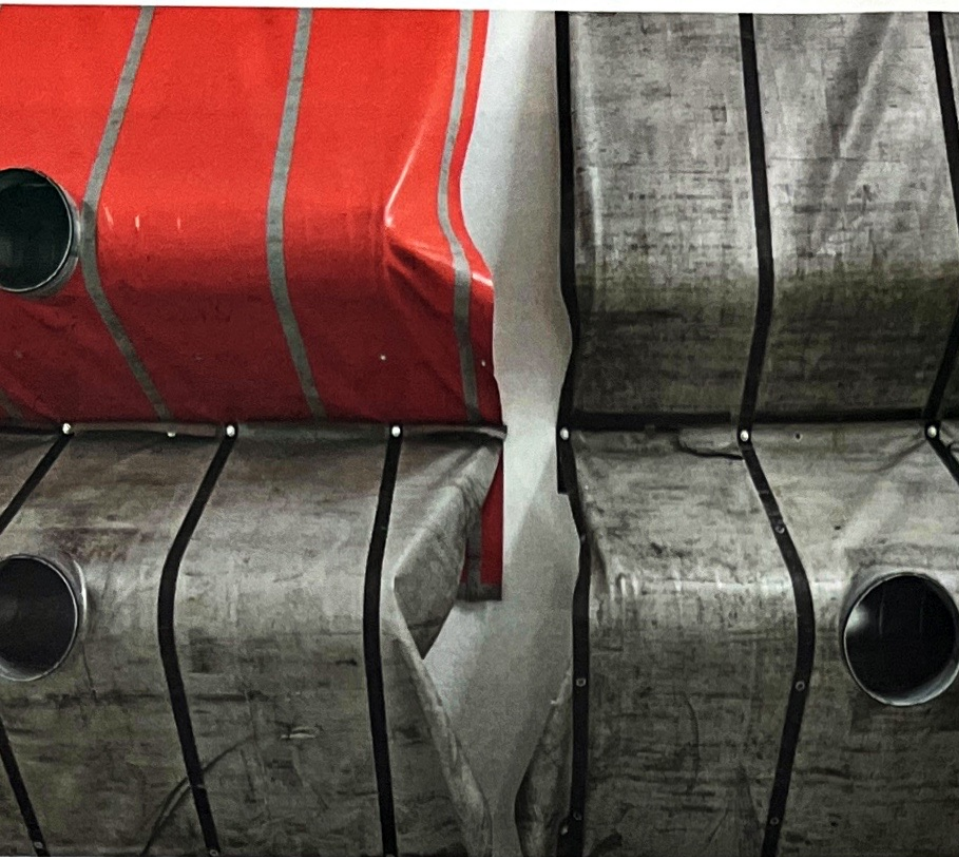




A escultura de June Crespo vê-se, toca-se, ouve-se

Luísa Soares de Oliveira

Uma das mais importantes jovens escultoras tem a sua primeira exposição individual em Lisboa.

Quando chegámos à galeria, June Crespo estava prestes a terminar a montagem da exposição que inauguraria daí a uns dias. O espaço expositivo da Kunsthalle Lissabon é ingrato: uma cave de um prédio de rendimento situado num dos bairros populares das franjas de Lisboa. De reduzidas dimensões, é uma caixa sem qualidades, sempre pronta a receber e a destacar as obras dos artistas que são convidados para aqui expor.

A peça de June Crespo é surpreendente. Descemos a escada e deparamo-nos com grandes estruturas salientes, perfuradas, cobertas por materiais cor de metal e alaranjados. Em frente, numa parede também perfurada, percebemos que há duas saídas de som, por onde se ouvirá a obra *Hyle*, de Estanis Comella, uma peça sonora que interage intermitentemente com a escultura de Crespo. A primeira impressão é de estranheza: o contraste entre a vocação nitidamente monumental do elemento escultórico e a exiguidade do espaço onde nos encontramos assim o ditam. June Crespo diz-nos que esta escultura, *Más Graves*, é o desenvolvimento de uma outra peça apresentada no ano passado na sua galeria madrilena, a Ehrhardt Flórez. Foi então que estabeleceu contacto com os proprietários da Kunsthalle Lissabon e surgiu o convite para esta exposição.

Nascida em Pamplona há 40 anos, June Crespo é hoje um nome bem conhecido nos circuitos artísticos

internacionais, graças à sua presença na exposição principal da 59.ª Bienal de Veneza, *The Milk of Dreams*, em 2022, e em diferentes instituições de renome, como o Jeu de Paume (Paris), a Fondazione Sandretto Re Rebaudengo (Turim), o Museu Guggenheim de Bilbao, o MARCO (Vigo) e o Centro de Arte Dos de Mayo (Madrid).

Embora tenha exposto com frequência fora de Espanha nos últimos anos, nunca perdeu o contacto com Bilbao (onde estudou e em cuja universidade leccionou), onde mantém atelier e funde as suas peças. Diz-nos que o grande marco da sua formação, depois de estudar Escultura no País Basco e de uma curta estadia em Portugal (já expôs no Porto por duas vezes, na A Certain Lack of Coherence e na Kunsthalle Freeport), foi a residência que fez em De Ateliers, em Amesterdão, onde esteve entre 2015 e 2017. “Foi dois anos de trabalho intenso com mais 19 jovens. Tínhamos espaços de trabalho generosos. Fazíamos visitas a ateliers, o nosso trabalho era discutido e, sobretudo, visto. Foi depois disso que comecei a notar que a minha obra suscitava mais interesse em Espanha do que acontecia anteriormente.”

June Crespo considera o espaço onde estamos como um ser vivo, respirante, pulsante, musical. Recordamos de imediato Baudrillard, o filósofo que tanto pensou a inteligência dos materiais inertes. As peças de parede são feitas com meras telas impermeáveis como as que

costumam cobrir as cargas transportadas em camiões. E os orifícios que vemos dão acesso a canais e circuitos construídos no interior da própria estrutura arquitectónica e escultórica, que nos convidam a explorá-los pelo tacto.

A artista espanhola primeiro chama-lhe “intervenção”, mas logo a seguir prefere falar de “escultura”. “Sou uma escultora”, dirá depois, “uma palavra que me compromete muito mais do que artista. Artista pode ser qualquer coisa.” Tudo é escultura aqui, o som, os objectos, o próprio espaço construído. “Temos duas saídas de som, uma que se dirige para o espaço, outra para o interior da parede. São sistemas de circulação, tácteis, visuais e sonoros”, explica. É a primeira vez que usa o som. “Eu já tinha vontade de trabalhar o interior do espaço de exposição e cheguei a ter um projecto deste tipo nos Países Baixos. Mas depois percebi que não era o local adequado, porque teria tido de construir uma parede falsa. O que me interessa é activar os espaços intersticiais entre os edifícios”, diz.

Actos de bricolage

É o que sucede aqui. A artista convida-nos implicitamente a experimentar o que nunca é tocado nem visto – neste caso, um depósito de apoio à sala de exposições – e usa materiais de tipo industrial, como as telas que já mencionámos e, no caso dos sistemas de circulação, os elementos de louça sanitária. A utilização de materiais encontrados, com os sinais

que permanecem do seu uso anterior, é, de resto, uma das grandes constantes do seu trabalho – a curadora Susana González fala de *bricolage*, no sentido que o antropólogo Claude Lévi-Strauss deu a esta palavra: a actividade de recolha de objectos descartados para uma possível ulterior utilização. Podemos também perceber aqui um propósito ecológico que traduz uma reflexão sobre o excesso e o desperdício na sociedade contemporânea.

Em *Más Graves*, o edifício possui uma pulsação (sonora), uma textura (táctil) e uma sensualidade (visual) que não existem noutros espaços onde, como é norma, é proibido tocar ou mexer nas obras de arte. O título remete, por um lado, para as

baixas frequências sonoras que podem chegar ao limite do audível, mas também para a profundidade do edifício ou, de forma mais directa, para o peso da escultura e o esforço necessário para a montar na parede. “Desta forma, é como se a parede se distendesse na minha direcção, como se a peça empurrasse a parede, mas ao mesmo tempo, a contivesse também”, esclarece. Em tempos, June experimentou fazer uma peça sonora deste tipo que percorresse o edifício do atelier desde a cave até ao sótão.

“Entendo a arquitectura como extensão de um corpo. Como seria falar com ela? Custa-me falar disto como uma instalação. É uma escultura, uma escultura que ocupa espaço inteiro.”



★★★★★

Más Graves
De June Crespo

LISBOA. Kunsthalle Lissabon. Rua José Sobral Cid, 9E. De 5.ª a sábado, das 15h às 19h. Até 5 de Setembro.

